

Este é um material transcrito a partir de ensinamentos orais de Lama Padma Samten. Ele é usado exclusivamente para apoiar os estudos e práticas dentro da sanga, pedimos não reproduzir em outros sites. O material está em constante revisão e melhoria; quaisquer erros encontrados são devidos às limitações das pessoas envolvidas na transcrição e na edição, e serão corrigidos assim que possível.

Caso tenha contribuições para melhorar esta transcrição, entre em contato pelo email repositorio.transcricoes@gmail.com.

**CENTRO DE
ESTUDOS BUDISTAS**



ESSÊNCIA DA ABENÇOADA PRAJNAPARAMITA

Lama Padma Samten

ESSÊNCIA DA ABENÇOADA PRAJNAPARAMITA

Ma-sam-diê-me-she-rab-pa-rol-tchin

Inconcebível, inexprimível, Prajnaparamita

Perfeição que está por detrás das formas e dos conceitos; opera de modo não causal para desmontar as fixações. Sabedoria que “desata os nós” não é baseada em conceitos, não está construindo mundos. Por isso Inconcebível, inexprimível.

Ma-ke-mi-gak Nam-ka-hi-uh-ôh-ni

Não-nascida, incessante, por natureza semelhante ao céu.

Não-nascida: base que permite liberar os “nós” é anterior aos “nós”, pois é dela que estes surgem. Nascer significa “dar forma”, portanto “não nascido” é igual a não ter forma.

Incessante: além do tempo, pois aquilo que é ligado ao tempo é construído, causal.

Natureza semelhante ao céu: livre, sem predisposições.

So-so-ran-rik Ye-she-tiô-iul-uá

Experienciada pela cognição discriminativa prístina da consciência autoreflexiva.

Surgimento do observador que contempla a natureza última de todos os fenômenos.

Auto-reflexiva: condição natural da Sabedoria Primordial.

Tu-sum Gyal-uê Yum-lá Tshá-sá-lô

Mãe de todos os vitoriosos dos três tempos, a você presto homenagem!

É desta compreensão que surgem os Budas e Bodisatvas.

Dja-kar-kê-tú Bha-ga-va-ti Prajna-pa-ra-mi-ta Hri-da-ya

Phe-kê-tuh Tshom-dem-dê-ma She-rab-kie-pa-ro-tu-tim-pe-nim-pô

O Abençoado Coração da Sabedoria Transcendental

Tshom-dem-dê-ma She-rab-kie-pa-ro-tú-tim-pá La-tshá-sá-lô

Homenagem à Bhagavati Prajnaparamita!

Assim eu ouvi.

Uma vez o Abençoado estava residindo em Rajagriha, na montanha do Pico dos Abutres, junto com ele estava um grande grupo da Sanga dos Monges e da Sanga dos Bodisatvas. Em dado momento, o Abençoado entrou no samadi que examina os diferentes tipos de Dharma, chamado “profunda iluminação”. E, ao mesmo tempo, o nobre Avalokitesvara, o Bodisatva-Mahasatva, enquanto praticava a profunda Prajnaparamita, viu que os cinco skandas eram vazios por natureza.

O Buda, repousando em Yeshe (Sabedoria Primordial, identidade completa com a unidade indiferenciada que a tudo permeia) olha para o mundo a partir de Sherab (cognição discriminativa) e contempla os cinco skandas, de onde advém todo o sofrimento.

Com o apoio da estabilidade do Buda, Avalokitesvara (mente de compaixão, Nirmanakaya) fitou o mundo condicionado e assim, da unidade entre a espacialidade da

mente Darmakaia do Buda com as limitações do mundo condicionado magicamente surgido, brota a mente Prajna.

Tal mente vê a forma pela qual as individualidades surgem e, mesmo assim, são sustentadas pelo fluxo luminoso operando sob condições, carecendo de natureza própria. Avalokitesvara percebe que tais individualidades não têm existência própria, são inseparáveis de quem as vê, surgem por relação, são construídas e reconstruídas a cada momento.

Então, pelo poder do Buda, o venerável Sariputra disse ao nobre Avalokitesvara, o Bodisatva-Mahasatva:

Aqui, “pelo poder do Buda”, refere a pureza da motivação de Sariputra, além dos interesses da roda da vida.

- **“Como deveria proceder o filho ou a filha de nobres qualidades que quisesse praticar a profunda Prajnaparamita”? Por ter sido perguntado desta forma, o nobre Avalokitesvara, o Bodisatva-Mahasatva, disse ao venerável Sariputra:**
- **“Oh Sariputra, um filho ou uma filha de nobres qualidades que desejasse praticar a profunda Prajnaparamita deveria ver assim: todos os cinco skandas têm a natureza da vacuidade.**

Os “objetos concretos”, (shiki), encontram na forma “rupa” sua concretitude. Mas forma é vacuidade, não tem solidez, nem existência em si mesma, nem permanência. Do mesmo modo que “rupa”, os demais skandas sensação (vedana), percepção (samjana), formação mental (samskara) e consciência (vijñana) têm a vacuidade por base, e não alguma natureza própria.

Forma é vazio, vazio é forma. Forma nada mais é do que vazio, vazio nada mais é do que forma.

“Forma é vazio” denota co-emergência de observador e observado (objeto). Forma não é algo concreto, mas algo a mais que adicionamos aos substratos. Possuímos apenas “substratos” ao andarmos no mundo que, pela co-emergência, passam a ganhar as formas com as quais nos relacionamos. Entendendo como as formas surgem, podemos liberá-las de nossas prisões.

Co-emergência: quando um mesmo fenômeno é interno ou externo, não sabemos dizer se é um ou outro. Não são dois, mas um conjunto. E as formas surgem exatamente deste espaço de possibilidades infinito, o “espaço básico dos fenômenos”, aqui entendido como o vazio.

- 1 – Puxamos a forma;
- 2 – Contemplamos a co-emergência (inseparável de quem olha);
- 3 – Contemplamos o aspecto vazio (não tem aquilo dentro);
- 4 – Percebemos o aspecto luminoso (tem aquilo dentro);
- 5 – Contemplamos aspecto vazio / luminoso;
- 6 – Contemplamos a energia que se movimenta em nós;
- 7 – Contemplamos a magia disso tudo;
- 8 – Sorrimos! É assim que o Samsara nos pega!

Pode-se resumir do seguinte modo: “Diante da energia, que brota da forma vazia e luminosa, eu sorrio!”

Do mesmo modo, sensação, percepção, formação mental e consciência são todos vacuidade.

Dentro da “forma” não há forma. Sensação (Vedana – gostar ou não gostar) é forma. Percepção (operação da mente ligada aos sentidos físicos), formação mental (Samskara – nossos carmas e hábitos mentais) e consciência (Vijnana – nossas identidades) também são formas. Os skandas são construídos pela liberdade.

Assim Sariputra, todos os darmas são vacuidade. Não têm características. São não nascidos e não cessam. Nem impuros e nem livres da impureza. Nem decrescem e nem crescem.

Darmas são todas as experiências do mundo, e são “vacuidade” por manifestarem os cinco skandas, não tem características próprias.

Portanto Sariputra, a vacuidade não tem forma, nem sensação, nem percepção, nem formação mental, nem consciência.

“Portanto” representa o 8º passo do Nobre Caminho, onde contemplamos a natureza de liberdade: lá não tem formas, nem sensações, nem os Doze Elos, nem as Quatro Nobres Verdades.

Na vacuidade não há nem mesmo a Iluminação. Não há natureza própria nos sete aspectos: características, nascimento, cessação, impureza e pureza, decréscimo e acréscimo. São todos surgidos pela co-emergência.

Não tem olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo e mente. Não tem aparência, som, cheiro, sabor, tato e objetos da mente. Não tem os elementos de consciência relacionados aos olhos, e aos demais sentidos físicos, e não tem mente ou elemento de consciência da mente.

Não há natureza própria nos dezoito datus: olhos, ouvidos, nariz, língua, corpo, aparência, som, cheiro, sabor, tato, consciência relacionada aos olhos, consciência relacionada aos ouvidos, consciência relacionada ao nariz, consciência relacionada ao paladar; consciência relacionada ao tato, mente, objeto da mente e elemento de consciência da mente.

Não tem ignorância, nem extinção da ignorância, nem os elos subsequentes até velhice e morte, e a extinção da velhice e morte.

Base da ignorância é um “eu” que reflete sobre algo separado, externo, criando categorias, julgamentos, discriminações.

Do mesmo modo, não há sofrimento, ou origem do sofrimento, ou extinção do sofrimento. Nem caminho, nem sabedoria, nem realização e nem não realização.

Ultrapassamos a aparente de solidez dos cinco skandas, as causas de nosso sofrimento e existência.

Portanto Sariputra, uma vez que os Bodisatvas não têm nada para atingir, eles se manifestam através da confiança no Prajnaparamita.

Confiança no Prajnaparamita = confiança naquilo que sempre foi, não há como perder.
A vacuidade presente naturalmente.

**Uma vez que não há obscuridades mentais, não há medos.
Transcendendo completamente as visões falsas, atingem o derradeiro
nirvana. Todos os Budas dos três tempos, por repousarem na
Prajnaparamita, atingem completamente a iluminação perfeita e
insuperável.**

**Portanto, o mantra da Prajnaparamita, o mantra da grande lucidez, é o
mantra insuperável, o mantra que torna igual o que é desigual, o mantra
que pacifica por inteiro todo o sofrimento.**

O mantra deve ser usado para evocar o princípio ativo (Sabedoria Primordial) e não
meramente para dissolver obstáculos. Fazer isso é o Caminho do Ouvinte. Evocar a
Natureza Última é a abordagem Mantrayana.

**Uma vez que não produz enganos, deveria ser reconhecido como
verdadeiro. O mantra da Prajnaparamita é recitado assim:**

TADYATHA OM GATE GATE PARAGATE PARASAMGATE BODHI SVAHA

**Sariputra, É desta forma que o Bodisatva-Mahasatva deveria treinar-se
na profunda Prajnaparamita.”**

**Então, o Abençoado retornou de seu samadi e louvou o nobre
Avalokitesvara, o Bodisatva-Mahasatva, dizendo:**

**– “Muito bom, muito bom! Oh filho de nobres qualidades. Assim é! Assim
é! É exatamente como ensinou. Deve-se praticar a profunda
Prajnaparamita! Todos os Tatagatas irão felicitar!”.**

**Quando o Abençoado pronunciou estas palavras, o venerável Sariputra e
o nobre Avalokitesvara, o Bodisatva-Mahasatva, junto com toda a
Assembléia e todo o mundo com seus deuses, humanos, asuras e
gandarvas todos se alegraram, louvando o que o Abençoado havia dito.**

Isto conclui o “Sutra do Coração da Prajnaparamita”.

* * * * *

Sob a proteção real do rei Trisong Deutsen, em meio ao oitavo século, o tradutor
tibetano (lotsawa) Bhikshu Rinche de traduziu este texto para o tibetano com o mestre
(pandita) Vimalamitra. Isto foi editado pelo grande editor de tradições tibetanas
(lotsawas) Gelo, Namkha e outros.

Este texto tibetano foi copiado de um afresco em Gegye Chemaling, um dos templos do
glorioso Samye Vihara. [Este texto foi traduzido do tibetano para o português e feita a
transcrição fonética pelo trabalho conjunto de Phurbu Tsering (Pema Chime Dorje) e
Lama Padma Samten, na sede do Instituto Caminho do Meio, Viamão – RS, no último dia
do ano de 1998, com a motivação de trazer benefício aos de fala brasileiro-lusitana.]

* * * * *

TREINANDO NO PRAJNAPARAMITA

Prajnaparamita é um método de olhar todas as categorias que consideramos fixas, pois nos relacionamos com as formas e não com os substratos. Um mesmo substrato adquire muitas formas, por isso forma é vacuidade. Forma é mágica. Onde quer que olhamos, nos relacionamos com formas, todas elas construídas, impermanentes.

A liberação ocorre pelo riso e não pela seriedade, não pela dinamite, não pela vacuidade, nós não temos que destruir o mundo. Nós sorrimos para ele.

Como alguém que repentinamente se vê de forma mais ampla do que se via. O samsara não é negativo, o samsara é lúdico. Nós sofremos dentro do samsara como as crianças também sofrem, por coisas muito simples. Nossa dor em samsara está ligada a energia; nós não só não vemos a energia como tomamos a obediência àquela energia como nosso refúgio fundamental. A única forma de superarmos isso é compreendermos este processo e sorrimos!

Essa energia é o sangue do samsara, é o que o movimenta. Precisamos não só entender o samsara, mas temos de absolver o samsara, liberá-lo, iluminá-lo. Prajnaparamita nos ajuda a compreendermos o aspecto xamânico da realidade.

Pensar, contemplar e repousar sobre formas, sensações, percepções, formações mentais e consciências vendo todos eles como formas, sempre em transformação. Geramos o olho do Prajnaparamita. Trazer exemplos de nossas vidas.

Abordagem Tantrayana: como são os cinco skandas?

1. (...) é vazio, vazio é (...)
2. Vazio nada mais é do que (...), (...) nada mais é do que vazio.
3. Sob quais condições surge (...)?
4. Que qualidades manifestam (...)?
5. Que fatores ao serem modificados, mudam (...)?
6. A existência de (...) surge pelos sentidos, e/ou por contato sensorial indireto, e/ou pela predisposição mental, e/ou pela menção verbal. Outros meios?
7. Sendo (...) vacuidade, significa que (...) não existe? Não é real? Não é reprodutível? Não há ciência possível sobre ele? É ilusório? A realidade de (...) é “real”, mas não estamos aprisionados! Há liberdade!

* * * * *